

STEPHEN FRY

MYTHOS

AS MELHORES HISTÓRIAS DE HERÓIS, DEUSES E TITÃS



minotauro

STEPHEN FRY

MYTHOS

AS MELHORES HISTÓRIAS DE HERÓIS, DEUSES E TITÃS

minotauro

Tradução
Helena Londres

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA minotauro

Copyright © Stephen Fry, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018, 2021
Todos os direitos reservados.
Título original: *Mythos*

Preparação: Laura Folgueira
Revisão: Maitê Zickhur e Dan Duplat
Diagramação, projeto gráfico e ilustrações de miolo: Marcela Badolatto
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de John Kennedy
Ilustrações de capa: Sarah Young

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Fry, Stephen

Mythos: as melhores histórias de heróis, deuses e titãs / Stephen Fry;
tradução de Helena Londres. – 2. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.
368 p.

ISBN 978-65-5535-422-5

Título original: *Mythos*

1. Mitologia 2. Mitologia grega 3. Mitologia clássica 4. Deuses I. Título II.
Londres, Helena

21-2297

CDD 398.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Mitologia

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Fairfield e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em junho de 2021.

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

◊ INÍCIO ◊
PARTE UM



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

DO CAOS

Atualmente, a origem do universo é explicada pelo *big bang*, um evento isolado que fez aparecer instantaneamente toda a matéria da qual tudo e todos são feitos.

Os gregos antigos tinham uma ideia diferente. Eles diziam que tudo começou não com uma explosão, mas com o CAOS.

Será que o Caos era um deus – um ser divino – ou simplesmente um estado de inexistência? Ou seria o Caos, exatamente como a palavra é usada hoje, um tipo de bagunça terrível, como um quarto de adolescente, só que pior?

Pense no Caos como, talvez, algum tipo de grande bocejo cósmico. Como um abismo ou um vácuo que boceja, no vazio da existência.

Se o Caos fez surgir vida e substâncias do nada, ou se o Caos bocejou vida, ou se a sonhou, ou a invocou de alguma outra maneira, eu não sei. Eu não estava lá. Nem você. No entanto, de algum modo, estávamos, porque todas as partes que nos compõem hoje estavam lá. Basta dizer que os gregos achavam que foi o Caos que, com um suspiro intenso, ou um grande encoller de ombros, ou um soluço, vômito ou tosse, começou a longa cadeia da criação que terminou com pelicanos e penicilina e sapotis e sapos, leões-marinhos, leões, mar, seres humanos e narcisos e assassinato e arte e amor e confusão e morte e loucura e biscoitos.

Seja lá qual for a verdade, a ciência hoje concorda que tudo está destinado a *voltar* ao Caos. Esse destino inevitável é chamado de *entropia*: parte do grande ciclo do Caos à ordem e de volta, outra vez, ao Caos. As calças que você veste começaram como átomos caóticos que de alguma maneira se agruparam formando matéria, que se arrumou ao longo de uma eternidade

até virar uma substância viva, que lentamente evoluiu para uma planta de algodão, que foi tecida na coisa linda que recobre suas belas pernas. Daqui a um tempo, você vai abandonar suas calças – espero que não agora – e elas irão apodrecer num aterro ou acabar queimadas. Em ambos os casos, sua matéria será, ao fim, liberta para se tornar parte da atmosfera do planeta. E, quando o sol explodir e levar consigo cada partícula deste mundo, incluindo os componentes das suas calças, todos os átomos constituintes voltarão ao frio Caos. E o que vale para suas calças, claro, vale para você.

Então, o mesmo Caos que começou tudo é também o Caos que terminará tudo.

Agora, você talvez seja o tipo de pessoa que pergunta: “Mas quem ou o que havia *antes* do Caos?” ou “Quem ou o que havia antes do *big bang*? Deve ter havido *alguma coisa*”.

Bom, não havia. Temos de aceitar que não havia “antes” porque ainda não havia Tempo. Ninguém tinha apertado o botão de início do Tempo. Ninguém tinha gritado: *Já!* E, como o Tempo ainda teria de ser criado, advérbios de tempo como “antes”, “durante”, “quando”, “então”, “depois do almoço” e “quarta-feira passada” não tinham nenhum significado. Isso confunde as nossas ideias, mas é isso aí.

A palavra grega para “tudo o que existe”, o que poderíamos chamar de “o universo”, é COSMOS. E neste momento – embora “momento” seja um advérbio de tempo e não faça sentido exatamente agora (nem a expressão “exatamente agora”, aliás) –, neste momento, o Cosmos é Caos e apenas Caos, porque Caos é a única coisa que existe. Um alongamento antes dos exercícios, uma orquestra afinando os instrumentos...

Mas as coisas estão prestes a mudar bem rapidamente.

A PRIMEIRA ORDEM

Do Caos disforme surgiram duas criações: ÉREBO e NIX. O Érebo era a escuridão e a Nix, a noite. Sem demora, eles copularam e os frutos dessa união foram HEMERA, dia, e ÉTER, luz.

Ao mesmo tempo – porque tudo tem de ocorrer simultaneamente até que o Tempo chegue para separar os acontecimentos –, Caos criou mais duas entidades: GAIA, a terra, e TÁRTARO, as profundidades e cavernas abaixo da terra.

Posso adivinhar o que você está pensando. Essas criações parecem bastante charmosas – Dia, Noite, Luz, Profundezas e Cavernas. Mas não são deuses e deusas; sequer são personalidades. Você pode também ter percebido que, como não existia o tempo, não poderia haver narrativa dramática, não poderia haver histórias, porque as histórias dependem de “Era uma vez” e de “O que aconteceu em seguida”.

Você teria razão em pensar assim. O que surgiu primeiro do Caos foram os princípios primevos, elementares, destituídos de qualquer cor, caráter ou interesse reais. Eram as DIVINDADES PRIMORDIAIS, a primeira ordem dos seres divinos, dos quais vêm todos os deuses, heróis e monstros da mitologia grega. Agonizavam e jaziam embaixo de tudo... esperando.

Esse vazio silencioso do mundo foi preenchido quando Gaia teve dois filhos, sozinha.¹ O primeiro foi PONTO, o mar, e o segundo, URANO, o

1. Esse truque do nascimento virgem, ou *partenogênese*, ainda pode ser encontrado na natureza. Em pulgões, alguns lagartos e até em tubarões, é uma maneira razoavelmente comum de ter filhotes. Não há a variação permitida por dois conjuntos de genes; o mesmo acontece com a gênese dos deuses gregos. Os mais interessantes são todos frutos de dois genitores, não apenas um.

céu – mesmo nome do hoje conhecido planeta Urano, nome cujo som diverte crianças inglesas dos nove aos noventa anos. Hemera e Éter também se acasalaram, e da união deles surgiu TÁLASSA, a contraparte fêmea de Ponto, o mar.

Urano, que preferiria que seu nome fosse pronunciado em inglês como Uranoss, *era* o céu e o firmamento, do ponto de vista de que – bem no início – as divindades primordiais sempre *eram* as coisas que elas representavam e sobre as quais imperavam.² Você poderia dizer que Gaia era a terra das colinas, dos vales, das cavernas e montanhas, mas capaz de adotar uma forma que andava e falava. As nuvens de Urano, o céu, rolavam e se agitavam acima de Gaia, mas também conseguiam se aglutinar numa fisionomia que podíamos reconhecer. Era tudo tão inicial na vida de tudo. Muito pouco estava estabelecido.

minotauro

2. Inclusive, *ouranos* é até hoje a palavra grega para “céu”.

A SEGUNDA ORDEM

O céu, Urano, cobria inteiramente sua mãe, Gaia, a terra. Cobria Gaia nos dois sentidos: cobria-a do mesmo modo que o céu cobre a terra até hoje, e a cobria como um garanhão cobre uma égua. Ao fazer isso, aconteceu uma coisa notável. *Começou o Tempo*.

Começou também outra coisa... como vamos chamá-la? Personalidade? Drama? Individualidade? Caráter, com suas falhas e seus fracassos, suas opiniões e paixões, tramas e sonhos. Pode-se dizer que surgiu o *significado*. A semente de Gaia nos deu significado, uma germinação do pensamento, tomando forma. Semiologia semântica seminal do sêmen do céu. Deixarei essa especulação àqueles com melhores qualificações, mas foi, de toda forma, um grande momento. Ao criar Urano, seu filho e, agora, marido, e ao se unir a ele, Gaia desenrolou a fita da vida que corre até a história humana e a nós próprios, você e eu.

Desde o início, a união de Urano e Gaia foi satisfatoriamente produtiva. Doze filhos robustos, saudáveis, vieram primeiro – seis homens, seis mulheres. Os homens eram OCEANO, CEOS, CRIO, HIPERIÃO, JÁPETO e CRONOS. As mulheres, TEIA, TÊMIS, MNEMOSINE, FEBE, TÉTIS e REIA. Esses doze estavam destinados a se tornarem a segunda ordem dos seres divinos, fazendo jus a um nome lendário.

E em algum lugar, com o Tempo engatinhando para a existência, começou o relógio, o relógio da história cósmica, que funciona até hoje. Talvez o responsável tenha sido um desses recém-nascidos, podemos examinar isso mais tarde.

Não satisfeitos com esses doze irmãos fortes e lindos, Urano e Gaia deram ainda mais filhos ao mundo – dois conjuntos distintos, distintamente

não lindos, de trigêmeos. Primeiro vieram os três CICLOPES, gigantes com um olho só que deram ao pai, o céu, toda uma nova gama de expressões e modulações. O Ciclope mais velho foi chamado BRONTES, o trovão,³ depois veio ESTÉROPES, o raio, e então ARGES, o brilho. Urano agora podia encher os céus com lampejos de relâmpagos e estrépitos de trovões. Para ele, o barulho e o espetáculo eram a glória. Mas o segundo conjunto de trigêmeos nascidos de Gaia provocou ainda maior estremeamento, nele e em todos os que os viram.

Talvez seja mais gentil dizer que eles foram uma experiência de mutação a jamais ser repetida, um beco genético sem saída. Esses recém-nascidos – os HECATÔNQUIROS⁴ – tinham, cada um, cinquenta cabeças e cem mãos, e eram mais horrendos, ferozes, violentos e poderosos do que qualquer coisa que já tivesse sido solta no mundo. Seus nomes eram COTO, o furioso, GIGES, de pernas longas, e EGÉON, o bode marinho, algumas vezes também chamado de BRIAREU, o vigoroso. Gaia os adorava. Urano lhes tinha repulsa. Talvez o pai ficasse ainda mais horrorizado com a ideia de que ele, o Senhor do Céu, pudesse ter gerado coisas tão estranhas e feias, mas acho que, como a maior parte dos ódios, essa repulsa tinha raízes no medo.

Repugnado, ele os amaldiçoou:

— Por ofenderem meus olhos, vocês jamais verão a luz outra vez!

E, ao vociferar essas palavras furiosas, ele os empurrou de volta para o útero de Gaia.

A VINGANÇA DE GAIA

Temos bons motivos para nos perguntar, aqui, o que “ele os empurrou de volta para o útero de Gaia” realmente significa. Algumas pessoas interpretaram

3. O brontossauro, ou “lagarto trovão”, ganhou seu nome de Brontes. As irmãs romancistas de Yorkshire *podem* também ter vindo do Ciclope. O pai delas nasceu “Brunty”, mas mudou para Brontë, talvez para emprestar um grande clangor de trovão clássico ao seu nome irlandês, talvez em homenagem ao almirante Nelson, que foi feito duque de Brontë – o ducado ficava localizado nas encostas do Etna e acredita-se que derivou seu nome dos Ciclopes adormecidos ali embaixo.

4. *Hecaton* significa “cem” e *quiros*, “mãos” (como em “quioprático”).

isso como indicação de que ele enterrou os Hecatônquiros na terra. A identidade divina, nessa época remota, era fluida, é difícil determinar quando um deus era uma pessoa e quando era um atributo. Ainda não havia maiúsculas. Gaia, a Mãe Terra, era o mesmo que *gaia*, a própria terra, assim como *urano*, o céu, e Urano, o Pai Céu, eram a mesma coisa.

O que é certo é que, ao reagir assim com os três Hecatônquiros, seus próprios filhos, e ao tratar sua mulher com uma maldade tão abominável, Urano estava cometendo o primeiro crime. Um crime fundamental, que não passaria sem punição.

A agonia de Gaia era insuportável e, dentro dela, lado a lado com o trio de Hecatônquiros se retorcendo, debatendo, arranhando com trezentas mãos e batendo cento e cinquenta cabeças, surgiu um ódio, um terrível e implacável ódio contra Urano, o filho que ela tinha gerado e o marido do qual tinha parido uma nova geração. Assim, como a hera que se enrosca em torno de uma árvore, cresceu em Gaia um plano de vingança.

Com a dor lancinante dos Hecatônquiros ainda a roendo por dentro, Gaia visitou Ótris, um grande monte com vista para o que agora chamamos de Ftiótida, na região da Grécia central. De seu cume, dá para ver a planície de Magnésia chegando até as águas azuis do Egeu ocidental, que se curvam em torno do golfo de Mália e abraçam a dispersão esporádica das ilhas chamadas Espórades. Mas Gaia estava consumida pelo excesso de dor e enfurecida demais para curtir uma das vistas mais encantadoras do mundo. No cume do monte Ótris, ela usou a pedra para começar a fabricar um artefato terrível e muito pouco comum. Durante nove dias e noites, labutou até ter produzido um objeto que, então, escondeu na fenda da montanha.

Em seguida, ela foi visitar seus doze filhos lindos e fortes.

— Você mataria seu pai Urano e reinaria sobre o cosmos comigo? — perguntou a cada um deles. — Você herdaria dele o céu, e, juntos, toda a criação estaria sob o nosso domínio.

Talvez possamos imaginar que Gaia – a Mãe Terra – seja macia, quente, generosa e gentil. Bem, algumas vezes ela é, mas lembre-se de que ela tem um fogo abafado dentro de si. Algumas vezes, consegue ser mais cruel, mais dura e mais aterradora do que o mar mais bravio.